



## COMO ENTENDER O DESCOLONIAL? RELEITURA DE 'CH'IXINAKAX UTXIWA. UNA REFLEXIÓN SOBRE PRÁCTICAS Y DISCURSOS DESCOLONIZADORES'

*HOW TO UNDERSTAND THE DECOLONIAL APPROACH? A RE-READING  
OF 'CH'IXINAKAX UTXIWA. UNA REFLEXIÓN SOBRE PRÁCTICAS Y  
DISCURSOS DESCOLONIZADORES'*

*¿CÓMO ENTENDER LO DESCOLONIAL? UNA RELECTURA DE  
'CH'IXINAKAX UTXIWA. UNA REFLEXIÓN SOBRE PRÁCTICAS Y DISCURSOS  
DESCOLONIZADORES'*

Corina E. Demarchi Villalón<sup>1</sup> 

Iván David Sanabria G.<sup>2</sup> 

*Universidade de São Paulo, Brasil*

**Resumo:** Em *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores* (Tinta Limón, Buenos Aires, 2010), Silvia Rivera Cusicanqui (La Paz, Bolívia, 1949), realiza uma análise crítica descolonizadora do social a partir de noções e conceitos do mundo andino. O livro é organizado em três partes ou capítulos, *El otro bicentenario; Sociología de la Imagen. Una visión desde la historia colonial andina; e Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. A análise crítica que propõe a autora, parte da compreensão e reivindicação da concepção indígena do mundo. O livro assume como noção central o *ch'ixi*, conceito aymara que é a base para o desenvolvimento das críticas e propostas de descolonização. Estas se revelam em, ao menos, dois caminhos. Por um lado, as críticas aos modos ocidentais de construção da história andina e, por outro, as estratégias do discurso multicultural.

**Palavras-chaves:** *ch'ixi*, mundo andino, práticas descolonizadoras, multiculturalismo, modernidade indígena.

<sup>1</sup>Licenciada em Comunicação Social pela *Universidad Nacional de Córdoba (UNC)*, Argentina, estudante do Mestrado em Mudança Social e Participação Política da Universidade de São Paulo (EACH-USP). E-mail: [coridemarchi@usp.br](mailto:coridemarchi@usp.br)

<sup>2</sup>Cientista político e administrador público, especialista em Direitos Humanos e DIH pela *Universidad Nacional de Colombia*, estudante do Mestrado em Estudos Culturais da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Membro do *Observatorio Nacional de Procesos de Memoria – ONALME* do Grupo Colombiano de Análisis del Discurso Mediático. E-mail: [ivdsanabria@usp.br](mailto:ivdsanabria@usp.br)

**Abstract:** In Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores (Tinta Limón, Buenos Aires, 2010), Silvia Rivera Cusicanqui (La Paz, Bolivia, 1949), executes a critical decolonizing analysis of the social realm through notions and concepts of the Andean world. The book is organized into three parts or chapters: El otro bicentenario; Sociología de la Imagen. Una visión desde la historia colonial andina; and Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. The critical analysis proposed by the author parts from the understanding and claims of the indigenous notion of the world. The book takes on the ch'ixi as the central idea. The ch'ixi is an Aymara concept that is the basis for the development of criticisms and proposals for decolonization. These are revealed in at least ways. In one way, through criticism of Western ways of building Andean history and, on in another way, through multicultural discourse strategies.

**Keywords:** ch'ixi, Andean world, decolonizing practices, multiculturalism, indigenous modernity.

**Resumen:** En Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores (Tinta Limón, Buenos Aires, 2010), Silvia Rivera Cusicanqui (La Paz, Bolivia, 1949), realiza un análisis crítico descolonizador de lo social a partir de nociones y conceptos del mundo andino. El libro es organizado en tres partes o capítulos: El otro bicentenario; Sociología de la Imagen. Una visión desde la historia colonial andina; y Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. El análisis crítico que propone la autora parte de la comprensión y reivindicación de la concepción indígena del mundo. El libro asume como noción central lo ch'ixi, concepto aymara que es la base para el desarrollo de las críticas y propuestas de descolonización. Estas se revelan en, al menos, dos caminos. Por un lado, las críticas a los modos occidentales de construcción de la historia andina y, por otro, las estrategias del discurso multicultural.

**Palabras claves:** ch'ixi, mundo andino, prácticas descolonizadoras, multiculturalismo, modernidad indígena

---

DOI:10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.165601

*Recebido em: 12/01/2020  
Aprovado em: 24/06/2020  
Publicado em: 01/07/2020*

Em novembro de 2019, o presidente da Bolívia, Evo Morales – o primeiro presidente aymara em um país, fundamentalmente, indígena – renunciou a seu mandato depois de quase 14 anos de governo democrático, no qual foi reeleito duas vezes. A decisão de Morales

aconteceu em um complexo momento de ameaças das forças militares, mobilizações sociais que pedem mudanças autênticas e um contexto latino-americano em tensão pela exclusão aprofundada. Este golpe de estado na Bolívia está configurado pelo encontro de interesses poderosos, os quais agem de forma semelhante ao bloco brasileiro chamado de “BBB” (boi, bíblia, bala), para se referir aos latifundiários, às igrejas evangélicas e às forças armadas (STEFANONI, 2018), base da ação política reacionária desta “nova” direita.

Silvia Rivera Cusicanqui em *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores* (2010), proposta sobre como descolonizar as sociedades latino-americanas, se refere a uma *condição colonial* presente nas mentes e práticas sociais atuais. Esta condição tem encoberto e negado a etnicidade das populações indígenas mediante múltiplas abordagens, entre estas, os recursos repressivos e violentos historicamente utilizados, por exemplo, na mutilação do corpo do líder insurgente indígena Tupac Katari em 1781. Neste sentido, entendemos as práticas coloniais como parte da natureza do golpe na Bolívia que vai além da renúncia de Morales. Na proposta da autora, o *colonial* é um arcabouço de elementos arcaicos, ainda vigentes, expressos no despojo e negação das *alteridades* andinas, o que se apresenta como a questão central na crise atual que vive a Bolívia: eventos como a queima das *whiphalas* – emblema dos povos indígenas andinos –, os massacres de indígenas realizados pelas forças armadas bolivianas e a intensificação dos discursos religiosos fanáticos na autoprocamação ilegítima da nova Presidenta colocam em evidência a exacerbação da questão colonial.

Neste sentido, é pertinente reler o livro *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores* de Rivera Cusicanqui, publicado em Buenos Aires em 2010 pela editora Tinta Limón. Silvia Rivera Cusicanqui (La Paz, Bolívia, 1949) de ascendência europeia e aymara, é socióloga, ativista, intelectual, professora emérita da Universidade Mayor de San Andrés Poderia se dizer que seu trabalho

criativo, eclético e "irreverente", se dá em um movimento de fuga dos binarismos e lugares comuns, em um entrelaçamento de escutas, artes, cotidianidade, ativismo, tanto na prática reflexiva e acadêmica quanto nas comunidades e na política. É autora, entre outros livros, de *Oprimidos pero no vencidos* (1986), *Bircholas: trabajo de mujeres, explotación capitalista y opresión colonial entre las migrantes aymaras de La Paz y El Alto* (2002), *Sociología de la Imagen* (2010), *Un mundo ch'ixi es posible* (2018). Livros editados, na sua maioria, em editoras independentes. Tem se aprofundado também no audiovisual e nas artes plásticas e performáticas (como no *Principio Potosí Reverso*, exposição de 2010).

Sempre ligada aos movimentos políticos e sociais, na década de 80 co-fundou o *Taller de Historia Oral Andina* (THOA), que promoveu uma metodologia de escuta densa dos protagonistas de processos de luta e organização coletiva. Hoje, milita no *Coletivx Ch'ixi* em La Paz, um espaço cultural onde se realizam oficinas, cursos e atividades que ligam os saberes práticos e populares com o trabalho intelectual.

Em *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*, Rivera Cusicanqui realiza uma análise crítica descolonizadora do social a partir de noções e conceitos do mundo andino. O livro é organizado em três partes ou capítulos, *El otro bicentenario; Sociología de la Imagen. Una visión desde la historia colonial andina; e Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Trata-se de um questionamento sobre os significados (em disputa) do colonial, o descolonial e as práticas descolonizadoras. A autora retoma, ao longo do texto, intelectuais latinoamericanos não suficientemente reconhecidos pela academia ocidental como Franz Fanon (1925-1961), Waman Poma de Ayala (1534-1615), René Zavaleta (1935-1984) e Pablo González Casanova (1922-). Também se nutre das interpretações e reflexões de movimentos sociais e políticos como o katarismo, entre outros.

A análise crítica descolonizadora do social que propõe a autora, parte da compreensão e reivindicação da concepção indígena do mundo. O livro assume como noção central o *ch'ixi*, conceito *aymara* que é a base para o desenvolvimento das críticas e propostas de descolonização. Estas se revelam em, ao menos, dois caminhos. Por um lado, as críticas aos modos ocidentais de construção da história andina e, por outro, as estratégias do discurso multicultural.

A noção *ch'ixi* em *aymara* tem diferentes conotações: desde uma cor que é produto da justaposição de tons opostos até a coexistência de múltiplas culturas que não perdem suas identidades. As entidades *ch'ixi* do mundo *aymara*, são poderosas porque são indeterminadas, não são nem brancas nem negras, são as duas coisas ao mesmo tempo. Rivera Cusicanqui assume esta noção como conceito-metáfora que ao mesmo tempo descreve e interpreta a complexa e heterogênea constituição de nossas sociedades, num esforço de superação do historicismo e os binarismos da ciência social hegemônica (2018, p.17, tradução nossa). Esse conceito chave permite ler, na produção da autora, outros conceitos como mestiçagem, relações mercantis, lutas políticas.

O *ch'ixi* se refere às possibilidades de múltiplos diálogos entre opostos, mas de forma contenciosa e não híbrida: “*se confundem para a percepção sem jamais se misturarem absolutamente*” (2010, p. 69, tradução nossa). Rivera Cusicanqui retoma esta noção como fundamental na sua posição política em termos das profundidades do passado ancestral que ficam libertadas quando nomeamos as realidades culturais como complementares, mas diferenciadas, e não como formas desordenadas e subordinadas: “*A potência do indiferenciado é que conjuga opostos*” (2010, p. 69, tradução nossa).

Os modos dialógicos e construção do reconhecimento diferenciado e sua interação histórica são uma aposta índia<sup>3</sup> descolonizadora. Isto quer

---

<sup>3</sup>Utilizamos o termo “índia” o “índio” apenas nos casos em que autora os apresenta textualmente no livro resenhado (ver págs. 66, 71, 74).

dizer que nomeamos o mundo de outra maneira e criamos um novo “nós”, fazendo uma forte crítica aos processos de “aculturação dos imaginários” que consideravam o mundo indígena como uma origem ou passado e não como contemporaneidade. Deste modo, a noção *ch'ixi* é uma aposta por uma modernidade indígena própria disposta a entender e organizar a sociedade desde a sua alteridade, que envolve práticas que costuram e podem “*devolver ao mundo a seu próprio curso*” (2010, p. 33, tradução nossa).

O primeiro caminho da proposta de descolonização se articula com as críticas às leituras da história que negam e ocultam múltiplos e complexos processos de resistências, mudanças e também, opressões. Nesse sentido, a concepção do tempo histórico abordado a partir da perspectiva da alteridade indígena permite acessar outras interpretações. No capítulo *El otro bicentenario*, Rivera Cusicanqui analisa e critica a construção que a história do século XVIII realizou sobre o katarismo, e que tem promovido visões estereotipadas dos indígenas. Construiu-se uma ideia dos indígenas como selvagens indomáveis, imagem que atualizada no presente e na correspondência espacial (El Alto), desenha uma continuidade: antes rebeldes kataristas se organizavam e ameaçavam La Paz como hordas insurgentes; hoje, ladrões, migrantes internos, sujeitos marginalizados, ameaçam a cidade com violências individualizadas.

A visão linear da história que se fecha em um tempo histórico passado nega a re-atualização dos conflitos nas lutas do presente. A autora traz o caso das rebeliões de 1979 e as de 2003-2005, mas poderíamos pensar, também, nas manifestações contra as violências físicas e simbólicas do entramado militar-religioso que sustenta o golpe de 2019 na Bolívia. Como contraponto, Rivera Cusicanqui propõe um olhar cíclico do tempo histórico que faz ressurgir as contradições em atualizações adaptadas aos contextos sociais e políticos de cada época, mas que não necessariamente se resolvem. A imagem proposta é a de uma espiral, na qual se produz “*uma inversão do tempo histórico, a insurgência de um*

*passado e um futuro, que pode culminar em catástrofe ou renovação”* (2010, p.10, tradução nossa).

Outro ponto de disputa histórica é a interpretação crítica da *Primer Nueva Cronica y Buen Gobierno* de Waman Poma de Ayala, considerada pela autora como uma teoria visual do sistema colonial que plasma outras interpretações da história. Essas interpretações se constroem desde o simbolismo e o sistema conceitual próprios da alteridade indígena andina. O documento, de mais de 1000 páginas, escrito em espanhol, mas com algumas seções em *qhichwa*, inclui quase 400 desenhos (POMA DE AYALA, 1980). Nele, Waman Poma, denuncia a situação de exploração colonial, o que ele chama de “*mundo al revés*”, que se vivencia a partir da conquista.

Segundo a autora, as palavras nos contextos coloniais podem se esvaziar do sentido que as práticas e o conhecimento cotidiano têm. Por isso, resultam tão potentes as imagens: nelas aparecem concepções que não podem ser capturadas pelas palavras. Justamente, por isso, Rivera Cusicanqui reivindica a potência dos desenhos de Waman Poma para desmascarar o colonialismo. A autora propõe analisá-los mediante a sociologia da imagem, uma metodologia crítica e descolonizadora de interpretação do passado-presente-futuro do mundo social aplicada aqui ao mundo colonial andino, que também pode ser útil para pensar o colonialismo contemporâneo. Sem necessariamente atender à “verdade histórica”, as imagens colocam em jogo um entramado moral, conceitual e simbólico, que evidencia uma interpretação e não apenas uma descrição dos fatos. Assim, Waman Poma pode ser considerado um dos primeiros teóricos da situação colonial.

O segundo caminho da proposta de descolonização da autora se articula com as críticas às estratégias do discurso multicultural. Estas constituem uma construção retórica e estereotipada do indígena por parte das elites políticas, econômicas e acadêmicas, que o entendem como

“minoría” que merece uma “inclusão condicionada”. Estratégia interessada para a cooptação política, a instrumentalização econômica e a recolonização acadêmica que apaga os múltiplos processos históricos e atuais de formação da própria modernidade indígena.

O discurso do multiculturalismo é a retórica neoliberal das intenções politicamente corretas de inclusão e constitucionalização dos direitos das comunidades indígenas. No entanto, constitui uma retórica da “cidadania igualitária” como uma fórmula ornamental e simbólica, através de uma agenda que encobre os privilégios das elites. A denominação multicultural das comunidades indígenas como “povos originários” alude a um passado estático, a um “bom selvagem” que não tem atualidade, carente de necessidades e interesses no presente e futuro. Com esta radical negação fica evidente o propósito colonial de tal “reconhecimento jurídico”: a estratégia da invisibilização das lutas históricas indígenas, da continuidade da invasão e saqueio territorial, e sobretudo, da negação de sua proposta de autoafirmação e vocação de poder político.

A autora também articula uma forte crítica à perspectiva do multiculturalismo academicista. Esses discursos distorcem as possibilidades de uma verdadeira descolonização ao promover leituras essencialistas e despolitizadas da questão colonial. Nesse sentido, existe uma apropriação das palavras por parte de alguns intelectuais, que as distancia das práticas e das urgências políticas das comunidades e grupos.

Rivera Cusicanqui denuncia os estudos que, desde as academias do Norte, retomam estrategicamente as discussões dos intelectuais e movimentos sociais e políticos da América Latina e os reproduzem através de aparelhos conceituais e auto-referenciais, mas sem o diálogo e o compromisso cotidiano com eles. Produz-se, assim, um triângulo sem base: os conhecimentos produzidos no Sul, são tomados pelo Norte onde adquirem legitimidade dentro de estruturas de conhecimento-poder, enquanto aqui devemos referenciar estes estudos para nossas vozes serem



aceitas. Como diz a autora: “*acabamos tendo que comer regurgitado, o pensamento descolonizador que as populações e intelectuais indígenas de Bolívia, Peru e Equador tínhamos produzido independentemente*” (2010, p.66, tradução nossa).

Por isso, Rivera Cusicanqui propõe pensar, antes que em uma geopolítica do conhecimento, em uma economia política do conhecimento para descolonizar as ciências sociais latino-americanas. Assim, poderiam se questionar as estratégias econômicas e materiais por trás dos discursos e desmascarar as redes clientelistas entre as academias do Norte e do Sul.

As críticas que a autora articula ao longo do texto sobre as formas de compreender o descolonial resultam em uma disputa pelas definições das práticas descolonizadoras. Para a autora, “*não pode existir um discurso da descolonização, uma teoria da descolonização, sem uma prática descolonizadora*” (2010, p. 62, tradução nossa). Assim, o *ch'ixi* torna-se uma aposta política descolonizadora para entender as identidades e as propostas de uma outra modernidade, uma modernidade índia, ou uma modernidade *ch'ixi*.

Como metáfora da proposta índia de modernidade que se baseia numa ideia de cidadania que não busca a homogeneidade e sim a diferença, mas que implica o tecido de uma trama intercultural, Rivera Cusicanqui traz a imagem da prática feminina do *telar*. O tecido como criador de símbolos e linguagens novas que enlaçam as diferenças, construindo uma trama propriamente *ch'ixi*. A autora nos convida ao desafio de construir laços Sul-Sul que permitam romper os triângulos sem base da política e da academia do Norte, fundadores de práticas descolonizadoras e de uma nova autonomia.

## Referências

POMA DE AYALA, G. **El primer nueva corónica y buen gobierno**. Edición anotada y comentada por Rolena Adorno, John Murra y Jorge Urioste, México: Siglo XXI, 1980.

RIVERA CUSICANQUI, S. **Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos decolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

RIVERA CUSICANQUI, S. **Un mundo ch'ixi es posible. Ensayos desde un presente en crisis**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

STEFANONI, P. Antiprogresismo. Un fantasma que recorre América Latina. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires: oct. 2018. Disponível em: <http://nuso.org/articulo/antiprogresismo/> Acesso em: 8 nov. 2019.